



Portugueses processam Facebook em €1,2 mil milhões

Deco avança com ação judicial por uso indevido de dados e pede uma indemnização média de €200 para cada utilizador da rede social. Congéneres europeias também recorrem à Justiça

CAROLINA REIS

O Facebook vai sentar-se no banco dos réus em quatro países europeus. Pela primeira vez, associações de defesa dos consumidores de Portugal, Espanha, Itália e Bélgica juntaram-se, numa estratégia comum, para processar a gigante norte-americana por uso indevido de dados.

Em Portugal, a ação judicial dará entrada “brevemente”, num tribunal cível de Lisboa, pela mão da Deco que, à semelhança das congéneres europeias, vai pedir uma indemnização média de 200 euros por cada utilizador. O processo surge na sequência do escândalo Cambridge Analytica, uma empresa de consultadoria política britânica que terá usado indevidamente dados de 87 milhões de utilizadores para ajudar a eleger Donald Trump e que teve igualmente um papel decisivo no resultado do referendo sobre o “Brexit”.

Ao contrário do que seria de esperar, as associações de defesa dos consumidores entendem que todas as pessoas com conta no Facebook — e não apenas aquelas cujos dados foram usados — têm direito a ser indemnizadas.

“Todos os utilizadores — que em Portugal se estima serem

6,4 milhões — devem ser os destinatários dessa compensação. Ao colocarmos uma ação a favor de todos os utilizadores, estamos a acatela-los de todas as aplicações que se apoderam dos dados de forma indevida. O próprio Facebook já veio confirmar que o Cambridge Analytica foi apenas a ponta do icebergue e assumiu que existem 200 aplicações com problemas semelhantes. Está em causa um sistema que salvaguarde os interesses dos consumidores”, explica ao Expresso Rita Rodrigues, responsável de Relações Institucionais da Deco.

No processo, a rede social é acusada de violação de dados e prática comercial desleal. A Deco não afasta a hipótese de ações judiciais contra outras empresas do grupo do Facebook, como o Instagram. “Há um consentimento abusivo e os dados são usados para lá desse consentimento. Trata-se de uma violação da lei”, sublinha Rita Rodrigues.

O valor da indemnização pedida foi calculado com base no tempo de antiguidade dos utilizadores na rede social, estando a ser feito com base num estudo académico. “Pode ascender aos 200 euros por consumidor. Em todos os países, o pedido está baseado no mesmo raciocínio e, em média, é do mesmo valor. Alguém que entrou há dois ou três anos, terá de ter um cálculo diferente de alguém que está na rede social há 10. Estamos a quantificar e a mostrar um caminho que pode permitir ao juiz tomar uma decisão”, explica a responsável da Associação de Defesa dos Consumidores.

Devido às diferenças da legislação nos países europeus, as quatro ações judiciais não deram entrada ao mesmo tempo. “A Bélgica avançou esta segunda-feira. Faz sentido fazê-lo em cada um dos países, até para termos um elemento de comparação. Temos os nossos advoga-

dos a finalizar a fundamentação jurídica e entregaremos tão rápido quanto possível”, continua Rita Rodrigues. Se a justiça der razão aos consumidores portugueses, a Deco está também a estudar uma forma de distribuir o dinheiro pelos utilizadores, de modo a “que tenham o menor trabalho possível.”

Ação coletiva nos EUA

Nos EUA, a ONG Common Cause apresentou duas queixas contra a firma de consultadoria política, que entretanto abriu falência, no Departamento de Justiça e no Comité Federal de Eleições. E quatro escritórios de advogados ingleses e americanos colocaram uma ação coletiva, o que não aconteceu na Europa.

O caso da Cambridge Analytica — denunciado em março através de uma investigação conjunta entre o jornal inglês

“The Observer” e o americano “The New York Times” — transformou-se no maior escândalo com que o gigante americano Facebook teve de lidar. Através do *download* da aplicação “thisisyourdigitallife”, os dados pessoais dos utilizadores eram recolhidos, vendidos e usados para fazer um programa informático com o objetivo de influenciar o voto dos eleitores e favorecer a campanha do atual Presidente americano.

Em maio, o Facebook admitiu que até 63 mil portugueses podiam ter sido vítimas de roubo de dados pela Cambridge Analytica. Contactada pelo Expresso, fonte oficial do Facebook ressaltou, no entanto, que, “com base na informação disponível até ao momento, não há provas de que os dados de utilizadores não americanos — incluindo portugueses — tenham sido partilhados com a Cambridge Analytica.”

O escândalo obrigou Mark Zuckerberg, criador e CEO do Facebook, a pedir desculpa e a prestar declarações no Congresso americano e no Parlamento Europeu. “Isto foi uma quebra de confiança e lamento que, na altura, não tivéssemos feito mais”, escreveu Zuckerberg, num comunicado publicado na imprensa americana.

Dois meses depois de o caso ter sido tornado público, o Facebook anunciou a suspensão de 200 aplicações suspeitas de usarem dados pessoais abusivamente. “As redes sociais fazem parte do dia a dia de todos os consumidores. Num momento importante em que entrou em vigor o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados, é preciso um sinal de que a lei é para aplicar”, frisa Rita Rodrigues.

A Deco ainda não chegaram queixas de utilizadores da rede social, mas são comuns pedidos de esclarecimento sobre o que fazer para proteger os dados e como saber se se está no grupo



P&R

O que devo fazer para proteger os meus dados?

A primeira dica para ter um perfil seguro é óbvia: mantenha-o privado e com o menor grau de exposição possível, adicionando e aceitando apenas pessoas que conhece. Mas é importante estar atento a aplicações, jogos e testes que parecem divertidos e inocentes e cujo único objetivo é recolher informação pessoal. Daí que deve proibir o acesso automático das aplicações à sua conta de Facebook, através do menu definições.

Quais são as aplicações mais perigosas?

Não existe uma listagem, apesar de o Facebook ter suspenso 200 aplicações. É preciso estar atento a aplicações que parecem ser entretenimento, mas pedem muita informação como: “Saiba qual é o seu IQ?” ou “Será que conseguimos transformar a sua foto mais bonita numa estrela de Hollywood?”.

Como posso saber se os meus dados foram usados?

Os utilizadores visados já devem ter sido notificados pelo Facebook. Contudo, foi criada uma página no centro de ajuda, onde pode escrever a palavra Cambridge na área de pesquisa para saber se está entre as vítimas.

dos 63 mil portugueses que o Facebook estima poderem ter sido envolvidos no caso.

“Borracha no passado”

A decisão de avançar judicialmente surge depois de um encontro, em Bruxelas, entre as associações de defesa do consumidor e representantes do gigante americano. “Demos uma primeira oportunidade ao Facebook de dar provimento ao pedido e demos um prazo para que nos apresentassem uma proposta. Chocou-nos a forma leviana como o Facebook quis passar uma borracha no passado”, acusa a responsável da Deco.

A viabilidade da ação vai depender muito da maneira como a exposição da prova for feita. A Justiça portuguesa já teve processos contra gigantes da tecnologia, como a Google ou o Twitter, mas não há memória de casos por uso indevido de dados.

O novo Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados, em vigor desde 25 de maio, trouxe mais mecanismos de defesa para os cidadãos. “Estabelece a possibilidade de organismos sem fins lucrativos proporem ações indemnizatórias contra empresas, por violações da privacidade, mesmo sem serem mandatados pelas pessoas afetadas. Isto vai exigir ajustes legislativos e vamos ver como será regulado em Portugal”, explica Luís Neto Galvão, advogado especialista em proteção de dados.

cbreis@expresso.imprensa.pt

NÚMEROS

87

milhões é o número de utilizadores do Facebook, em todo o mundo, cujos dados foram vendidos a uma empresa de consultadoria política que os usou para ajudar a eleger Donald Trump

63

mil é a estimativa de utilizadores portugueses que podem ter sido vítimas do esquema de roubo de dados